



**O prematuro Bruno: remédios, alimentação e afeto da mãe**

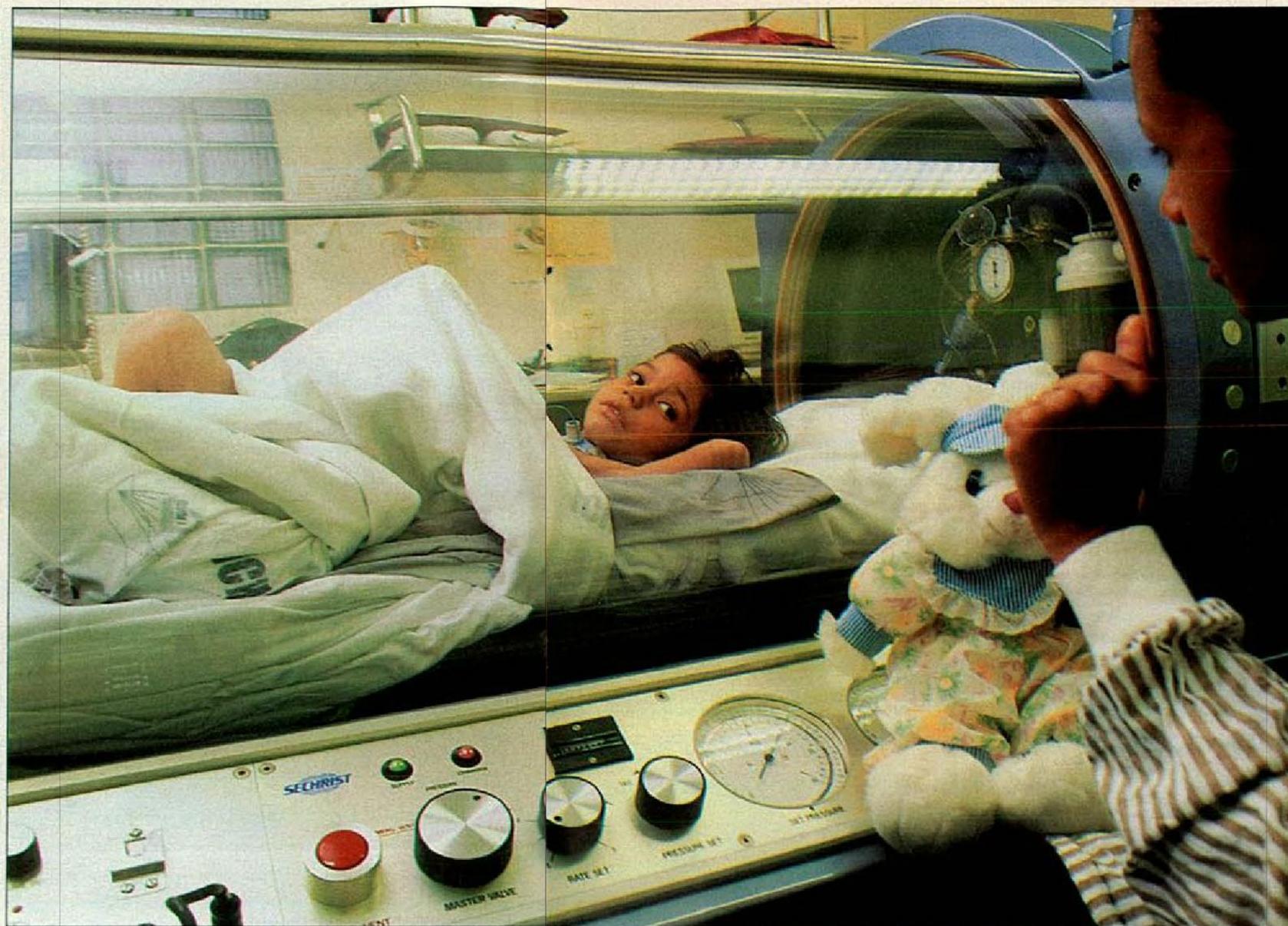
1 quilo. Mandado para a UTI imediatamente após o nascimento, a vida para Bruno sempre foi sinônimo de dor. Mas ele não chorava. Nem podia. A traquéia estava ocupada por um tubo delgado que levava oxigênio aos pulmões.

Dentro da UTI há um barulho constante. Nada a ver com o burburinho dos recém-nascidos. Ouve-se apenas o som do sobe e desce do respirador e de alarmes das máquinas que medem a oxigenação do sangue. Vida estranha. Como

acontece com todos os bebês, Bruno perdeu peso logo após o nascimento. Para um corpo tão pequeno, um fato tão grave. Quando chegou a 890 gramas, menos de 80 mililitros de sangue circulavam em suas veias. Mas a pediatra Lillian dos Santos Rodrigues, responsável pelo tratamento, não tinha dúvidas. "Havia grandes chances de ele sobreviver porque respondia bem ao tratamento", diz. Seis anos atrás, apenas 64% dos bebês nas condições de Bruno conseguiam ultrapassar a fase crítica dos 28 dias após o nascimento. Em 1997, essa taxa havia sido elevada a 81% dos casos internados no Hospital das Clínicas.

Foi um aprendizado tortuoso. Quando se trata de bebês prematuros, a medicina se comporta como uma bússola submetida a um forte campo magnético. Perde o sentido. "Se damos analgésicos para tirar a dor, podemos provocar uma parada respiratória. O oxigênio que salva também pode causar cegueira, e uma picada de agulha abre a porta do organismo para infecções perigo-

sas", observa a médica Cléa Rodrigues Leone. Como não há uma fórmula capaz de contemplar tantas variáveis, é a habilidade dos profissionais que é colocada à prova. Bruno parece minúsculo e assustado dentro da UTI. Mesmo assim, ele é a demonstração de que raciocínios clínicos complexos, alimentação especial, medicamentos de última geração são fonte de vida para quem chegou ao mundo antes da hora. Mas não são tudo. Nesses casos tão sofridos, já está provado, se à melhor técnica se soma o simples toque de mãos das mães em seus bebês, a chance de sobrevivência dos prematuros cresce. Eles entendem que é afeto. E gostam.



FOTOS: EGBERTO INOUEIRA

ta a mãe, Rita de Cassia Biazuzo. O horror impressionou os médicos da enfermaria do pronto-socorro, acostumados às barbaridades do dia-a-dia. Muitos choravam ao examiná-la. Um caso recente encontrado na internet e próximo ao drama de Fernanda se referia a uma criança atingida por uma granada na Guerra da Bósnia. Como há poucos precedentes, ninguém arrisca um prognóstico. Mas as seqüelas são inevitáveis. É tão dramático que os médicos acabam vendo-se frente a frente com uma angústia-limite. "Às vezes me pergunto qual o sentido de salvar uma criança que terá graves debilidades para o resto da vida", indaga Marcia Cavalcante, mulher forte, com os nervos treinados nos casos mais arrepiantes, aqueles que vão parar na UTI do pronto-socorro. É a própria Marcia quem responde, na prática, à sua pergunta, quando monitora Fernanda na câmara hiperbárica, para acelerar a cicatrização do emaranhado de pele, músculos e ossos deformados.

**09h05 Terça-feira**

**"Mãe, tá doendo"**

"Ai, ai, doutor, me ajuda." Leonardo Sousa Santana, de 8 anos, grita sem parar. "Tá doendo, mãe." São horas difíceis. Valderene Dias Sousa, de 26 anos, não consegue esquecer a visão macabra. Ela viu seu filho transformado em tocha humana depois de uma brincadeira infeliz na casa de um vizinho em Barueri, cidade da região metropolitana de São Paulo. Leonardo e um amiguinho faziam uma fogueira com álcool. Os meninos não perceberam, mas as roupas de Leonardo também se tinham encharcado de álcool. Foi só atear fogo aos gravetos da fogueira para o garoto começar a arder. Leonardo teve 14% do corpo recoberto por queimaduras de terceiro grau. Seu peito já recebeu um grande implante de pele retirada da coxa esquerda. Parte do tecido foi rejeitada e o corte na perna infeccionou. É como se uma nova ferida provocada por

**16h10 Segunda-feira**

**Atingida pelo rojão**

A médica Marcia Cavalcante acompanha carinhosamente mais uma sessão de Fernanda Biazuzo Neto, de 3 anos, na câmara hiperbárica. A menina é um caso raríssimo. Apesar de nunca ter estado em uma frente de combate, ela tem ferimentos de guerra. Quando voltava de uma festinha em comemoração ao Dia da Criança na periferia de São Paulo, foi atingida pelas

**Fernanda, genitais estraçalhados e ossos deformados por rojão: dores na câmara hiperbárica**

costas por uma dessas bombas usadas em festas juninas: um morteiro de catorze tiros disparado durante uma careata política. O rojão foi disparado a menos de 2 metros de distância de sua vítima. Foi devastador. As nádegas e a vagina de Fernanda foram destruídas pela combinação do calor que queimava e do impacto que dilacerava. A menina teve múltiplas fraturas na bacia e no fêmur esquerdo e perdeu parte do intestino. "Um médico me disse que limpou a pele e os músculos dela como se lavasse um monte de roupa suja", con-

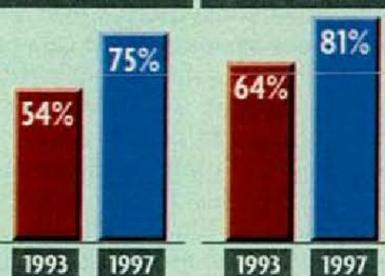
**Prematuros**

A sobrevivência dos bebês é cada vez mais longa

Porcentual de bebês vivos 28 dias após nascimento

Tempo de gestação

27-28 SEMANAS    29-30 SEMANAS



**360 toneladas de roupas são lavadas no Hospital**

**das Clínicas por mês. É o peso de dois Boeing 747**